


# **Os usos de diversas tecnologias como recurso metodológico no ensino de Arte Africana e Afro-Brasileira**

**GRAZIELLA MEDEIROS GUADAGNINI**





Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!



# SUMÁRIO





# Apresentação

Olá alunos!

Meu nome é Graziella Medeiros Guadagnini. Artista Visual e Fotógrafa. Sou mestra em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, pós-graduada em Fotografia pela Universidade de Araraquara e graduada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV - UFG). tenho experiência na área de Educação, com ênfase em Formação Docente, Processos Criativos, Fotografia e Design, atuo e pesquiso principalmente os temas: criatividade, tecnologias educacionais, processos criativos, fotografia e design.

Nesse bimestre serei a professora da matéria de Arte Africana e Afro-Brasileira. Sejam todos bem-vindos. Espero que aproveitem a leitura do *e-book*, em que dei ênfase a uma inter-relação na temática de Arte Africana e Afro-Brasileira, Tecnologias Educacionais e Práticas Docentes, a fim de complementar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Licenciatura em Arte.

Este *e-book* objetiva ampliar as discussões sobre as africanidades e a cultura afro-brasileira e possibilitar a oportunidade de inserir diversas tecnologias na metodologia, ampliando as discussões em sala de aula e estágios e lhes dando respaldo na aquisição do conhecimento por meios digitais de forma autônoma, crítica, dinâmica e cooperativa.



É necessário, no entanto, compreender o conceito de tecnologia e como este se modificou em forma e função, passando por diversos paradigmas educacionais e resultando, atualmente, em perspectivas mais complexas e autônomas. Assim, o texto do *e-book* foi dividido em parcelas que oferecem respaldo teórico e técnico, para maior abrangência na práxis pedagógica.

Conforme visto no sumário, há um capítulo denominado “A tecnologia: os usos em meios educacionais” subdividido em duas partes “Mudança paradigmática: um novo olhar para a sala de aula” e “Os usos tecnológicos em prol de um conhecimento complexo sobre as africanidades e a cultura afro-brasileira”. Adiante há outra subdivisão com tecnologias passíveis de serem utilizadas como “Museus”, “Jogos”, “Podcast”, “Mapas interativos” e as “Plataformas *on-line*, como o YouTube, o Pinterest e o Instagram.

O primeiro capítulo denominado “A tecnologia: os usos em meios educacionais” baseia-se principalmente em autores como Moraes (2002), Morin (2003), Werthein (2004), Pinto (2013) e Silva (2017) que trazem uma noção abrangente e crítica do uso da tecnologia em ambientes educacionais, atualmente.

O primeiro subcapítulo denomina-se “Mudança paradigmática: um novo olhar para a sala de aula” baseia-se, principalmente, em autores como Alava (2002), Almeida; Moran, (2005), Behrens (2013) e Sampaio; Leite (2013) que tratam sobre a formação dos professores na tecnologia e como estes passam a perceber a sala de aula de maneira mais fluida, complexa, crítica, autônoma e política.





O segundo subcapítulo denomina-se “Os usos tecnológicos em prol de um conhecimento complexo sobre as africanidades e a cultura afro-brasileira” foca, essencialmente, em autores como Morin (1998, 2000a, 2000b, 2002, 2005), Cunha; Freitas (2010) que utilizam-se de mecanismos tecnológicos para impulsionar as relações de vivência e aprendizagem, segundo o *Pensamento Complexo*, de Edgar Morin, em ambientes de aprendizagem.

Os subcapítulos subsequentes são tópicos em que são tratadas algumas referências para serem utilizadas em sala de aula de maneira individual ou combinada. Os tópicos se dividem em Museus (o docente pode entrar em *sites* e versões do museu de maneira completamente *on-line*), Jogos (que debatem de maneira complexa a cultura africana e a construção de grupos e impérios que existiram no continente africano, além dos desdobramentos afro-brasileiros com potências como Dandara dos Palmares), *Podcast* (recurso ainda pouco utilizado nos ambientes educacionais, mas que possibilitam aos alunos uma vastidão de discussões e possibilidades permeados por um paradigma complexo e global), Mapas interativos (demonstram as possibilidades de estudos regionais, de clima e solo, dos tipos de vegetação, a pluralidade sonora e a produção musical atual do continente africano e as contextualizações históricas sobre os processos migratórios do mercado escravo europeu e a ligação com a América do Sul) e as Plataformas *on-line* como o Youtube, o Pinterest e o Instagram.





Os subcapítulos subsequentes comentados acima usam uma linguagem teórica, a fim de expor o que é e o que faz a ferramenta e uma mostra de práticas e/ou exercícios unitários e/ou combinados, de acordo com as possibilidades em ambientes de aprendizagem, sejam formais ou informais.

Espero que o *e-book* traga não apenas informações já concebidas e formuladas em um documento único, mas que possibilite a produção de novas metodologias com combinações de novas tecnologias, aplicadas com um pensamento diferenciado e que elimine resquícios tradicionais, rígidos e que perpetuam nos ambientes acadêmicos um trabalho que categoriza e segrega o conhecimento. A atuação profissional de um docente ampara-se com renovações, leituras e releituras, construções e reformulações, processos de empatia e uma visão planetária da sociedade.

Boa leitura e experiência!





# 1. A tecnologia: Os usos em meios educacionais

Alicerça-se a importância das tecnologias numa declaração da UNESCO, em 2004, que publicou no *site* oficial, parecer do representante brasileiro declarando a importância das tecnologias que “[...] constituem a estrutura de nosso sistema de comunicação, seja local, nacional, internacional ou global.” (WERTHEIN, 2004, p. 320), percebida em ambientes educacionais.

Diante de uma exposição como a realizada por Werthein (2004), o conceito de tecnologia e seus usos tornam-se mais amplos e complexos. Para o autor, até então as tecnologias têm uso como ferramenta comunicacional, o que atualmente é diferente. Nesta proposta, Pinto (2013) descreve a concepção do significado de tecnologia em quatro partes na obra *O conceito de tecnologia*. A primeira como teoria e toda a construção de ciência em torno da formação técnica da tecnologia; a segunda como técnica em si, o *know how* utilizado para uma função; a terceira como o conjunto de todas as técnicas empregadas no desenvolvimento de uma atividade e a quarta como o fato ideologizado da técnica, que tem um interesse genuíno do capital e nas produções da tecnologia.







Do conceito, o que melhor se aplica no parcelamento pensado por Pinto (2013), é a primeira e segunda definições. No meio educacional o docente embasa, teoricamente, a tecnologia e a aplicar em ambientes educacionais para o aperfeiçoamento da técnica, como defende na terceira repartição. O quarto ponto que o autor conceitua é o denominado, hoje, capital intelectual e como desenvolve tecnologias emergentes, visto pelo capital como forma de geração de lucro e proveito. Este quarto ponto desenvolve-se em ambientes de aprendizagem no ensino fundamental, médio, técnico ou superior.

Para os docentes, os usos das tecnologias, em sala de aula, diariamente, enraízam-se mais e longe de uma realidade não-tecnológica. A formação docente que condiz com esta realidade é imprescindível, mas enfrenta diversas dificuldades como uma visão newtoniana cartesiana, tecnicista e tradicional e a falta de formações, inicial e continuada, adequadas (SILVA, 2017; SILVA; SANTINELLO, 2017; GUADAGNINI, 2019).

Uma das problemáticas é o predomínio do paradigma newtoniano cartesiano, que promove a transformação, a caracterização e descaracterização do meio que pesquisa e estudo. O homem arvora-se o direito de utilizar dos meios da natureza para promover ideias, delineando assim um traço de validação, e de perigo, ao ditar que sua verdade é única, não sofre modificações ou simplesmente é subjetivada. Leva-se, portanto, o método a desvalidar qualquer análise realizada de forma subjetiva sobre determinada pesquisa e as condições do indivíduo e suas escolhas (MORAES, 2002; BEHRENS; OLIARI, 2007).





Segundo Guadagnini (2019, p. 31):

Repleta de conservadorismos mesclada a cerimonialidades, a visão tradicional resguarda uma percepção fixa e sem criticidade sobre a educação caracterizando-se, principalmente, no enfoque dos comportamentos morais e na reprodução do conhecimento advinda dos muros escolares.

Em uma visão tradicional, o ambiente educacional tem um papel caracterizado por transpor esse saber, por meio do docente, sendo este detentor único do conhecimento. Proposto por meio de medidas reprodutivas, esse saber é copiado e colado de forma eficaz, como um comportamento, por parte do docente, rígido e de autoridade inquestionável e com tempo predeterminado para a construção desse conhecimento (FREIRE, 1997; BEHRENS, 2013; KHAN, 2013).

Nesse sentido, nas formações inicial e continuada, é necessário que se rompa e cruze os limites tradicionais da educação, abordando esferas de conhecimento interligadas e complexas, para repassar aos alunos uma visão cosmológica e planetária dos saberes, adequando-se à era tecnológica atual (BEHRENS, 2013; SAMPAIO; LEITE, 2013).

Para Morin (2005), para ser possível o ato educacional, é necessário que se avalie e compreenda como se encontra o sistema educacional. Por isso mesmo, o autor ressalta a importância de enxergar as separações que são realizadas comumente e como ela transforma o entendimento dos alunos em breves gravações e repasses de conhecimento, sem a devida crítica e argumentação.



Ensinar a gravar e a reproduzir são padrões nos meios educacionais e comuns à realidade estudantil, mas não é dado aos alunos a possibilidade de desenvolver as relações e as comunicações entre os mais diversos assuntos. Os ambientes de aprendizagem são um reduto de conhecimentos divididos, sem as formas relacionais, complexas e amalgamadas (MORIN, 2003; 2005).

Sabe-se por pesquisas como de Silva (2017) e Guadagnini (2019) que a formação inicial de professores recebe preparação inadequada para uso pedagógico de tecnologia formando, muitas vezes, a técnica, uma metodologia inadequada e uma teoria que não contempla visão ampla e sistêmica. Segundo pesquisas como de Silva e Santinello (2017), as universidades flertam diretamente com o uso da tecnologia, como projetores, salas de tecnologia, *internet* e demais adereços, mas de forma tradicional, não transcendendo o conhecimento já existente, sem gerar criticidade e autonomia para os alunos. Os estudos se complementam e demonstram a visão comum das graduações e formações continuadas de professores.

Para ampliar as discussões acima, recomenda-se contato direto com os livros e artigos dos autores, Alava (2002), Demo (1996), Sommerman (1999), Cury (2003), Campos (2008), Soares e Cunha (2010), Cunha (2013) e Sampaio e Leite (2013) para expandir horizontes e absorver outros conteúdos que aprofundam as discussões e as análises sobre as tecnologias, a educação e a formação docente atual, no Brasil. As referências completas estão no final do texto.





## 1.1 Mudança paradigmática: Um novo olhar em sala de aula

Os ambientes de aprendizagem têm resquícios tradicionais que perpetuam a atitude do professor/aluno provinda da mentalidade de repetições, memorização e reducionismo dos conhecimentos aprendidos. Segundo Behrens (2013, p. 39) “[...] o desafio que se impõe é a transposição de um paradigma conservador que caracterizou as organizações familiares, religiosas e educativas nos últimos séculos.”, permanente em muitas esferas educacionais.

Seja no currículo, na atitude, nos conhecimentos adquiridos, nas formas escolares sejam físicas (como os espaços de aprendizado com suas carteiras em modelo militar) (CASTRO, 2016) ou metodológicas, o tradicionalismo ainda tem raízes fortes nos meios educacionais mas demonstra uma crescente adaptação aos meios tecnológicos (SILVA; SANTINELLO, 2017).

Cita-se aqui Edgar Morin, antropólogo, sociólogo e filósofo francês que desenvolveu uma teoria chamada pensamento complexo, também conhecido como teoria da complexidade. Para Morin (2003; 2005), a complexidade é uma forma de pensamento que engloba todas as narrativas que o mundo desenvolve e, nessa perspectiva, a educação utiliza-se desse pensamento para quebrar o formato tradicional e repensar, de maneira democrática, cível e emancipadora, a sociedade atual.





Para Morin, a educação é um viés essencial para a mudança paradigmática e para o pensador “[...] a missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.” (MORIN, 2003, p. 11).

Não é substancial pensar o todo de maneira repartida mas, no seu pensamento, opta por trabalhar com ambos os vieses, do repartido para o todo e o todo para o repartido para, no ato da complexidade, elaborar diversas possibilidades advindas de uma análise não linear, e sim complexa, rica e holística, permeando as esferas sociais, políticas, econômicas, científicas, étnicas, dentre outras (MORIN, 1998; 2000a; 2000b, 2003).

Nos usos educacionais, o autor comenta sobre os conceitos complexos de “[...] intermulti-trans-disciplinaridade que realizaram e desempenharam um fecundo papel na história das ciências; é preciso conservar as noções chave que estão implicadas nisso, ou seja, cooperação; melhor, objeto comum; e, melhor ainda, projeto comum.” (MORIN, 2003, p. 115) e, para o autor, é necessário que sejam ampliadas as ideias, levando em consideração todas as premissas culturais e sociais para inseri-las em contextos.

É necessário se pensar na criação, na base pois “[...] não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem





como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada.” (MORIN, 2003, p. 115), que possa desenhar uma linha que não apenas siga, mas que volte e elabore e reelabore a partir da perspectiva do conjunto social.

Em uma ideia sobre a Arte como disciplina, mas também como vivência e realidade permanente de quem a usa para trabalhar e viver, Morin diz que “[...] as artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente.” (2003, p. 45), dando conceito e estabelecendo conhecimentos sobre o olhar para o todo e para as partes.

## **1.2 Os usos tecnológicos em prol de um conhecimento complexo sobre as africanidades e a cultura Afro-Brasileira**

De acordo com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), no ano de 2004, a lei federal 10.639/2003, expressa a obrigatoriedade do ensino de conteúdos sobre a matriz negra africana na formação da sociedade brasileira em todo o currículo escolar, e sugere as áreas de apropriação do tema História, Literatura e Arte, como áreas especiais para o tratamento desse conteúdo, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio (BENTO, 2010).





Quer escutar Aldibênia Machado, pesquisadora sobre as africanidades, dissertando sobre a temática? Que tal baixar esse *podcast* e levar consigo no celular para ouvir depois de ler este *e-book*? Espero que goste!

**Filosofia africana: ancestralidade e encantamento, com Adilbênia Machado**

Um vídeo que apresenta o entendimento mais complexo sobre a importância do ensino da história africana e as relações com a cultura afro-brasileira é a entrevista com a historiadora e professora da USP Marina de Mello e Souza. A entrevista tem 29 minutos e é permeada por discussões em relação ao currículo, aos usos da história africana, perpassando pelas temáticas sociopolíticas da sociedade atual.

**Educação Brasileira - História da África/Cultura afro-brasileira**

É necessário que se componha um olhar englobante e holista, analisando as raízes sob a ótica literária, histórica e artística, social, econômica, cultural e política, pois “[...] desconsiderar a história africana como parte integrante da história do Brasil é constituir uma história unilateral e eurocêntrica marcada por concepções racistas.” (BENTO, 2010, p. 3). Logo abaixo clique no box para assistir a um vídeo intitulado *A História, o africano e o afro-brasileiro*, para ampliar as informações sobre o assunto, a partir de uma perspectiva crítica.





## A história, o africano e o afro-brasileiro

Para iniciar a compreensão sobre o assunto, é necessário que se pense na sociedade de maneira a revelar os aspectos mais globais e o que a faz tão plural, acentuando os aspectos de diferenciação e afastamento. A partir desta ótica segundo Morin:

A sociedade é inseparável da civilização. Existe uma civilização mundial, saída da civilização ocidental, que desenvolve o jogo interativo da ciência, da técnica, da indústria e do capitalismo e que comporta um certo número de valores padronizados. Ao mesmo tempo em que comporta múltiplas culturas em seu seio, uma sociedade também gera uma cultura própria. (2002a, p. 1).

Implica, então a compreensão de uma sociedade tão plural e que, ao mesmo tempo, é singular em vários de seus aspectos e, por esse mesmo motivo, é notoriamente clara a posição do autor quando se manifesta na leitura crítica sobre o local em que se encontra a sociedade. Nesta ideia Morin diz que:

A educação disciplinar do mundo desenvolvido traz conhecimentos, sim, mas gera uma incapacidade intelectual de reconhecer os problemas fundamentais e globais. A noção de desenvolvimento deveria, a meu ver, ser substituída ao mesmo tempo pela ideia de uma política da humanidade (antropolítica), que já venho sugerindo há muito tempo, e pela ideia de uma política da civilização. A política do humano teria por missão mais urgente solidarizar o planeta. (2002a, p. 3).







Ao reler os usos políticos, sob a Teoria da Complexidade, é necessário que se pense nos usos das africanidades de modo abrangente pois “[...] quando se trata de arte, música, literatura, pensamento, a mundialização/globalização cultural não é homogeneizante. Ela se constitui de grandes ondas transnacionais, mas que favorecem a expressão das originalidades nacionais em seu seio.” (MORIN, 2002b, p. 3), abordando assim a preocupação com a base primária em prol de compreender todas as manifestações e remodelagens geradas.

Outro vídeo que enriquece as discussões sobre a obrigatoriedade do conteúdo de história e cultura afro-brasileira é intitulado *A obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena*, que traz, na chamada, o seguinte texto:

Há cinco anos escolas públicas e privadas do ensino básico são obrigadas a incluir no seu conteúdo programático a história e cultura afro-brasileira e indígena, com o objetivo de resgatar a contribuição desses povos nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil. Em uma nova edição o programa *Brasilianas.org* convida especialistas para abordarem os caminhos percorridos para o cumprimento desta legislação nas escolas, bem como o papel dos povos indígenas e afro-brasileiros para o desenvolvimento cultural e histórico do país. O debate contará com a participação da Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), ligada ao Ministério da Educação, Macaé dos Santos; da presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), Cleuza Repulho; do coordenador do Programa





Pindorama de educação indígena da PUC-SP, Benedito Preziosi, além do professor que coordenou um conjunto de livros sobre a história da cultura africana, por uma iniciativa conjunta entre UNESCO, MEC e UFSCAR, Valter Roberto Silvério.

### **A obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena**

A seguir, nos subtópicos, são abordadas várias possibilidades de utilização de meios tecnológicos para sustentar discussões e análises, agregar conhecimentos e repertório durante as regências do estágio e no cotidiano, quando já formados. O uso dessas ferramentas pode ser unitário ou combinado, criando e ampliando perspectivas nos ambientes educacionais focado no desenvolvimento crítico e autônomo dos alunos.

#### **1.2.1 Museus**

O Museu Afro-Brasil é uma iniciativa da Secretaria de Cultura e Economia Criativa da cidade de São Paulo e conta, atualmente, com o acesso a uma parte do acervo em formato digital. O visitante virtual visualiza a obra de arte e conhece algumas características, a autoria e a denominação da obra e as informações de contexto como o acervo a que pertence. Para conhecer mais sobre o Museu Afro-Brasil basta clicar na imagem abaixo:





O Museu Afro-digital da Memória Africana e Afro-Brasileira disponibiliza e realiza o processo de intercâmbio de cópia de documentos por *internet*, reunindo num único acervo documental digital os fundos de arquivo relativos aos Estudos Afro-Brasileiros, em primeiro lugar Afro-Baianos e aos Estudos Africanos que hoje se acham dispersos em várias instituições e coleções privadas, tanto nacionais como internacionais.

Para conhecer o *site*, basta clicar abaixo.

Outro museu, o Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia - MAFRO – é sediado em Salvador, tem um acervo de mais de 1100 peças de cultura material africana e afro-brasileira contribuindo ativamente para a divulgação e preservação destas matrizes culturais.

Tem coleção sobre religiosidade afro-brasileira, artes plásticas, blocos afros e folguedos, capoeira, painéis de Carybé e cultura material afro-brasileira.





Nos museus citados, há a possibilidade de se explorar o conteúdo teórico e as obras em formato *online*. É interessante que se projete uma ida ao museu digital de forma minuciosa, pensando em detalhes que façam com que a experiência seja completa e detalhada.

### 1.2.2 Jogos

Outro artifício que o docente pode utilizar são os jogos eletrônicos, que conversam com diversas linguagens e oferecem ao discente conhecer, de maneira autônoma, a cultura africana e afro-brasileira. Em detalhe, apresenta-se o jogo denominado Dandara.

Com uma premissa que inicia “Em um universo bizarro onde os oprimidos estão à beira do esquecimento, Dandara despertou para remodelar o mundo.” (DANDARA, 2018, *on-line*), o jogo recebeu ótimas críticas e conta uma história baseada em Dandara, esposa de Zumbi e uma das líderes do Quilombo dos Palmares.

Você consegue acessar ao *trailer* do vídeo na imagem abaixo:





É possível adquirir o jogo na Plataforma Steam, na qual se realiza o *download* do jogo e executa-o em PC ou *notebook*. Uma vez realizado o *download* do jogo para um computador ou *notebook*, é possível jogar sem estar *on-line*. Segue abaixo o *link* para o acesso ao jogo.

O jogo conta com uma personagem feminina negra e é contado a partir de um ideal heroico, o que comumente não acontece em jogos eletrônicos (BRISTOT, POZZEBON, FRIGO, 2017), retirando assim do padrão dos estereótipos de gênero e de raça ligados à mulher negra, sempre sexualizada, indefesa e/ou inexistentes nas plataformas.

O jogo oferece ao docente explorar áreas de análise como as africanidades que são delineadas de diversas formas nos jogos virtuais e aqui, especificamente, pode-se elaborar um novo ideal de personagem principal e heroína, além de discussões sobre estereótipos, cenários e construções de narrativas acerca da temática de arte africana e afro-brasileira.





### 1.2.3 Podcasts

O *podcast* é uma tecnologia que surgiu em 2004 e era uma forma de publicar áudios através da *internet*, disponibilizando em meios para *download*. O *podcast* “[...] é uma junção entre o *iPod* e *broadcasting*” (SILVA, 2017, p. 77), e desenvolvido a partir do acesso a um microfone (podendo ser o do celular) e um computador para editar o áudio.

Existem três formatos de *podcasts*, atualmente: o educacional, o editado e o registrado. Aqui neste *e-book* dá-se atenção ao formato educacional, sendo este montado por pesquisadores que estudam a área, em pauta, há muitos anos (MEDEIROS, 2006). Coloca-se em pauta esta informação, pois é necessário que se estude para falar no assunto e citar diversas pesquisas a fim de que se amplie as possibilidades desse recurso didático.

Há diversos áudios que podem ser baixados no *site* Domínio Público para auxiliar no processo de escuta dos alunos. São programas direcionados ao uso pedagógico e que em formato de *podcast* oferecem *download* e serem escutados de maneira *off-line*, quando bem quiser.

Estão disponibilizados abaixo três *podcasts* diferentes para a escuta! Mas não se limite a apenas esses aqui expostos. O *podcast* é uma tecnologia em ascensão e aumenta a cada dia a quantidade de *podcasters* pelo mundo, inclusive no Brasil. Pela plataforma do Spotify, gratuitamente, há acesso a vários, com múltiplas temáticas.





O primeiro áudio apresenta um programa direcionado à discussão da temática africana nos ambientes educacionais.

### **Áudio 1 - África na Escola**

O segundo programa disponibilizado trata dos usos de temáticas africanas, envolvendo diversas áreas escolares, como história, artes, ciências humanas e sociais em geral, em sala de aula, com os alunos.

### **Áudio 2 - África na sala de aula**

O terceiro programa versa sobre a diversidade africana e como se encontra, atualmente, em diversos aspectos culturais brasileiros. O programa possibilita que o professor perceba, juntamente com os alunos, vários aspectos e, com isso, oportunidades e perspectivas de uso em sala de aula da cultura afro-brasileira.

### **Áudio 3 - O bom que veio da África**





Os *podcasts* servem, metodologicamente, ao professor, em diversos aspectos:

- produção de *podcasts* e posterior disponibilização para outras séries na escola, estendendo a comunicação à várias turmas;
- análise dos discursos dos *podcasts* para assimilação, em sala de aula;
- inicialização de pesquisa voltada com a temática do *podcast*;
- produção artística, com base nos conceitos elaborados na discussão do *podcast*, e posteriormente, uma exposição;
- exposição em formato de áudio, (e pensar na acessibilidade para o público com necessidades especiais) a partir das produções realizadas em sala de aula.

As possibilidades são ilimitadas. E para isso, faça um exercício mental: você recebe aprendizagem voltada para os usos da audição? Conhece alguma pessoa que tem essa característica? Indique o uso do *podcast*!

### 1.2.4 Mapas interativos

Outra tecnologia utilizável em uma aula com acesso à *internet*, seja por celular, *notebook* ou computador de mesa, são os mapas interativos. Abaixo foram deixados diversos mapas interativos com diferentes temáticas, para o docente utilize de forma unitária ou combinada, explorando as mais diversas facetas, sejam geográficas, culturais, sociais, políticas, históricas ou artísticas.







O primeiro mapa é referente à África e é necessário acertar onde estão os países, no continente. O mapa fica colorido à medida que se acerta ou erra os países e se veja, claramente, o conhecimento sobre a região. Nesse mapa interativo alude-se à ideia de cosmovisão africana (OLIVEIRA, 2006), das apropriações culturais e étnicas, das divisões realizadas no continente (BRUNSCHWING, 2004) não respeitando os grupos formativos da região, dentre outros.

Outro formato é utilizar de um mapa interativo que demonstra o caminho dos navios negreiros saindo do continente africano e migrando para o continente americano, especificamente para as regiões do Caribe e a América do Sul. O mapa tem um tempo de dois minutos que abrange o período entre os anos de 1546 e 1860. Para verificar o mapa interativo basta clicar abaixo:





Outra mão tecnológica que mostra o continente africano e algumas características de cunho físico, é o próximo mapa interativo que detalha a incidência dos seis tipos de clima encontrados na África, os oito tipos de vegetação e os riscos de desertificação no continente.

Outro mapa interativo apresenta, no mundo todo, as várias rádios. É possível girar o globo e situar-se no continente africano, escutar diversas línguas, músicas, programas de rádio com informações da região ou mundiais. É interessante neste mapa mental realizar com os alunos uma escuta artística e antropológica, a fim de ampliar as percepções da língua e suas variações à medida que exploram a tecnologia.





### 1.2.5 Plataformas *on-line*

Na atualidade existem diversas plataformas *on-line* passíveis de utilizar em sala de aula para ampliar e intensificar algumas discussões sobre determinadas temáticas. Dessas plataformas há algumas pagas e há que investir determinado valor para ter acesso ao conteúdo, de maneira completa. Há plataformas que parte do conteúdo é paga e parte gratuita, como é o caso de uma das plataformas citadas no Youtube por exemplo, e há aquelas com conteúdo integralmente gratuito, o Pinterest e o Instagram.

#### 1.2.5.1 Youtube

O Youtube é uma plataforma que nasceu em 2005 (KLEINA, 2017) e tem diversos canais com focos em atividades de desenvolvimento de Arte. Atualmente, a plataforma conta com canais registrados para auxiliar no processo de busca de quem se interessa em temáticas específicas, como Educação, Música, Ciência, Artes, dentre outros.

O uso do Youtube como metodologia em sala de aula é extremamente plural, seja para ouvir, seja para assistir, seja a relação síncrona ou assíncrona (MIRANDA; DIAS, 2003) por *lives* marcadas com antecedência. A plataforma possibilita ligação direta com o autor do vídeo e o público que o assiste, por meio de comentários e a própria rede social que disponibiliza fóruns, enquetes e conversações.



Cita-se aqui, para conhecimento, alguns canais, com vídeos, que auxiliam uma metodologia mais abrangente.

- **Canal Nerdologia**

É um canal, com quase 2,5 milhões de inscritos, focado em vídeos de cunho científico. O público tem acesso às referências utilizadas pelos criadores. As fontes são embasadas em pesquisa e normalmente é pautado um assunto dentro do universo *nerd*, mas que é contextualizado na vivência da sociedade contemporânea. O canal conta com um selo de qualidade colaborativa de divulgadores de ciência mais confiáveis dentro da Plataforma do Youtube (NERDOLOGIA, 2019). Outros vídeos que tratam da mesma temática do *e-book*:

**A origem da escravidão no Brasil**

**Guerra da Argélia**

**Centenário de Mandela**

**Abolicionismo e fim da escravidão**

**O racismo**





- **Canal do Pirula**

Outro canal que conta também com um selo de qualidade colaborativa de divulgadores de ciência mais confiáveis dentro da Plataforma do Youtube, é o Canal do Pirula. Atualmente o canal conta com mais de 800 mil inscritos e discute diversas temáticas da contemporaneidade, incluindo sobre as africanidades e a cultura afro-brasileira.

**Etimologia de ‘mulato’ e o racismo**

**O que o racismo do Cocielo pode nos dizer?**

- **ViviEuVi**

Outro canal recomendado é o canal de Vivi, intitulado ViviEuVi. É um canal com foco nas Artes e diz em sua bio “Apaixonada por arte! A cultura muda nossa vida.” (VIVIEUVI, 2019, *on-line*). O canal está ligado diretamente aos movimentos artísticos do passado e atuais, tendo vídeos diversos e entre eles pautas que abordam o movimento artístico africano e afro-brasileiro.

**Basquiat**

**10 artistas africanos**

**Afrofuturismo**



### 1.2.5.2 Pinterest

O Pinterest é uma plataforma essencialmente composta por imagens de diversos segmentos. As buscas normalmente são realizadas por palavras-chave em qualquer idioma, mas devido à alta postagem em língua inglesa, recomenda-se que se utilize essa língua para ampliar o processo de busca (JING *et al.*, 2015).

A plataforma tem diversos perfis credenciados e com imagens de produção próprias, mas é possível encontrar diversas imagens que são copiadas e inseridas sem uma referência correta, o que dificulta no processo de utilização metodológica. Nesse sentido, é necessário que se tenha cuidado e cautela na escolha e seleção das imagens para se realizar a devida referência (JING *et al.*, 2015).

O uso da plataforma pode vir acompanhado de diversos formatos metodológicos como:

- investigação e pesquisas em sala de aula (para auxiliar no processo de autonomia do aluno);



- desenvolvimento de mapas mentais virtuais (orientando os alunos por meio de uma visão complexa dos elementos pertencentes aos mapas mentais);
- execuções de *brainstorm* (ou chuva de ideias) e relacioná-los às buscas realizadas na Plataforma e discussão em aula;
- formações de *Storyboard*, reforçando o desenvolvimento de narrativas plurais.

### 1.2.5.3 Instagram

O Instagram é uma plataforma composta essencialmente de imagens, sejam estáticas ou em vídeos. Na plataforma há diversos perfis direcionados para a temática de Artes Africanas e Afro-Brasileiras. Abaixo alguns perfis de artistas africanos e afro-brasileiros e outros focados em pesquisas e divulgação de trabalhos realizados por populações afro-brasileiras, respectivamente.

- **Zanele Muholi**

Artista sul-africana, Zanele Muholi trabalha com a temática da mulher lésbica negra por meio de fotografias. Muitos de seus trabalhos focam na violência da mulher, no controle do corpo da mulher e a homofobia, entretanto alguns deles remetem diretamente para o lado oposto, trazendo trabalhos fotográficos que demonstram o conforto, amor e prazer entre casais femininos. O trabalho pode ser visto tanto no Instagram, como em diversas exposições que a artista já realizou.





Um dos grandes projetos da artista é chamado de:

Somnyama Ngonyama ('Salve a Leoa Negra'), no qual trabalha desde 2012. O projeto de autorretratos da artista traz vários elementos que quebram o estereótipo criado historicamente para as pessoas negras. Muholi utiliza sua própria pele e o alto contraste das fotos para realçar a tonalidade negra. Outros elementos e simbolismos, como o uso de acessórios triviais do dia-a-dia tipo bexigas, pregadores, pneus e alfinetes, também chamam a atenção (PACCE, 2019).



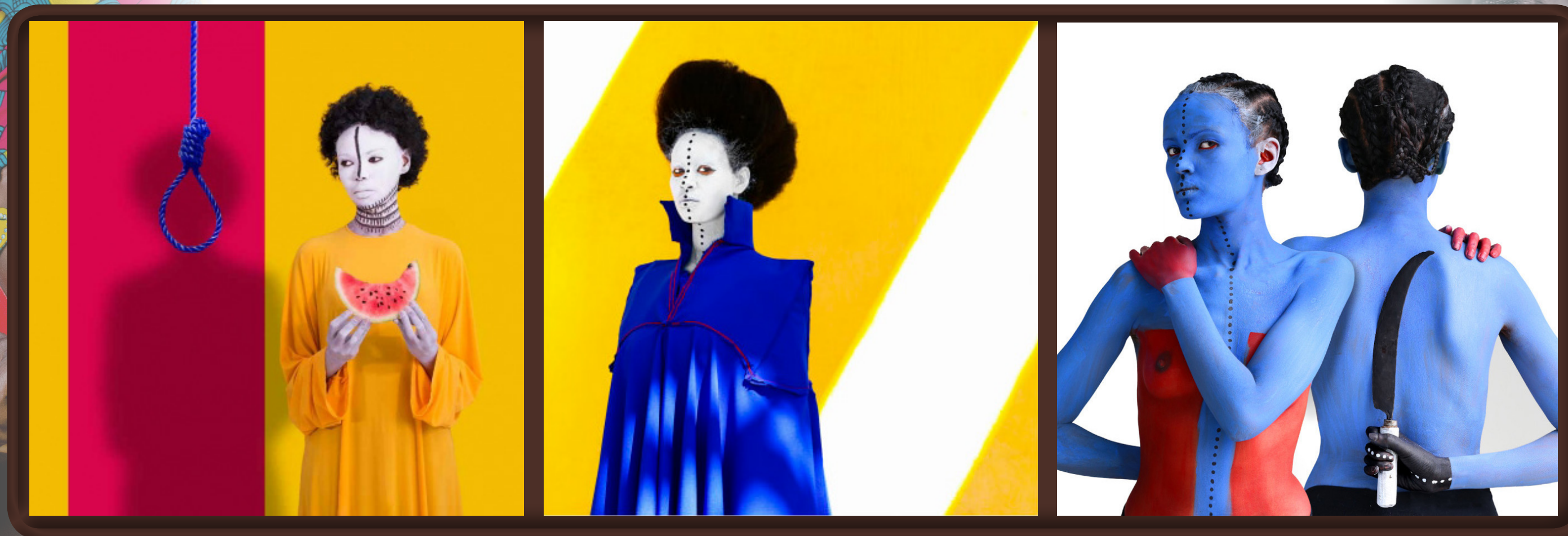
Fonte: NGONYAMA, 2019.





- **Aida Muluneh**

Aida Muluneh é uma artista da Etiópia e trabalha com fotografias que transitam entre o passado e o futuro. Em seus registros da série *Word is nine* (O mundo é nove – tradução livre), a artista fotografa elementos tradicionais da Etiópia, dentre ornamentos e tecidos, e leva seus modelos para o futuro (VIVIEUVI, 2019). Abaixo alguns registros da série.



Fonte: MULUNEH, 2019.



- **Mundo Negro**

O *site* se intitula uma mídia negra diferente (MUNDO NEGRO, 2019, *on-line*) e é regido pela Silvia Nascimento. É uma plataforma “[...] de notícias voltado para a comunidade negra brasileira e demais etnias que se interessem pelos assuntos relacionados à cultura e ao cotidiano dos afrodescendentes no Brasil e no mundo.” (MUNDO NEGRO, 2019, *on-line*). O *site* é dividido nas principais abas: Home, Eventos Artigos, Cultura, Moda & Beleza, Conhecimento, Mídia, Carreira e Mulher Negra Hoje.

O *site* fornece ao leitor atualização diária dos acontecimentos que envolvem as pautas, entregando assim ao professor a possibilidade de permear os assuntos por pesquisas, leituras e vídeos sobre o universo negro no Brasil e no mundo. As colaborações são realizadas por Durval Arantes, Najda Pereira e Fernando Sagatiba (MUNDO NEGRO, 2019, *on-line*).





- **Alma Preta Jornalismo**

O Instagram Alma Preta Jornalismo conta com a plataforma para disparar notícias que são inseridas de maneira mais completa no *site*. A plataforma indica as postagens e abre para discussões dos comentários. No *site* Mundo Negro caracterizam-se como

[...] uma agência de jornalismo especializado na temática racial do Brasil. Em nosso conteúdo você encontra reportagens, coberturas, colunas, análises, produções audiovisuais, ilustrações e divulgação de eventos da comunidade afro-brasileira. Nosso objetivo é construir um novo formato de gestão de processos, pessoas e recursos através do jornalismo qualificado e independente. (2019, on-line)

Na plataforma são divididos alguns editoriais, focalizando assim as temáticas dos assuntos colocados em pauta. Os editoriais dividem-se em: Realidade, O Quilombo, Da ponte pra cá, Mama África e Conteúdo Exclusivo, sendo o último apenas para assinantes da agência.

Para o professor, tanto o Instagram quanto o *site*, fornecem uma infinidade de notícias e temáticas para abordar com os alunos. Por meio de um pensamento complexo (Morin, 1998; 2000a; 2003) analisa-se, pelos assuntos expostos, contextualização histórica, análise social atual, a situação de artistas afro-brasileiros, dentre outros.





### 1.2.5.4 AfroFlix

Afroflix é uma plataforma colaborativa que fornece conteúdos audiovisuais em formato *on-line* com uma condição na qual “[...] encontra produções com, pelo menos, uma área de atuação técnica/artística assinada por uma pessoa negra. São filmes, séries, web séries, programas diversos, *vlogs* e clipes que são produzidos OU escritos OU dirigidos OU protagonizados por pessoas negras.” (AFROFLIX, 2019, *on-line*, *grifos no original*).

Diversos títulos estão abertos gratuitamente ao público: *Batalhas*, *25 de julho – feminismo negro contado em primeira pessoa*, *A lenda de Oxum*, *Mwany*, *Congo: a voz do tambor*, *Mães do Hip-Hop* e *Negros Dizeres*.

É permitido aos professores utilizar a plataforma com o intuito de assistir com os alunos, promover discussões, debates, pesquisas e projetos que estejam ligados diretamente com a experiência dos documentários, programas, séries, *vlogs*, videoclipes, dentre outros. É necessário pensar nos usos das plataformas de maneira que não limite o aluno a apenas desenvolver o que for pedido, mas criar possibilidades e romper horizontes pré-determinados.





### 1.2.5.5 Melanina Digital

Melanina Digital é uma plataforma que atua colaborativamente, reunindo os mais diversos dramaturgos do território brasileiro. No *site* dizem-se abertos a receberem conteúdos do universo das dramaturgias negras contemporâneas e que sejam produzidas em território brasileiro. Segundo Belchior:

Com a inquietação de mostrar que esta não é uma realidade é que Aldri Anunciação promoveu as edições do Festival Dramaturgias da Melanina Acentuada, promovendo além de apresentações de espetáculos cujos textos eram assinados por autores negros, além de realizar encontros, entrevistas públicas e compartilhamento de processo. Mais de 60 dramaturgos passaram pelo festival e todo material compilado gera a base de dados da plataforma digital, onde será possível ter acesso aos autores negros de teatro, performance e audiovisual, bem como cadastrar novos nomes e obras. (2018, *on-line*)

Aos professores é a oportunidade de conhecer mais sobre o universo do teatro negro e como impacta a sociedade atual. Ao se apropriar das obras desenvolvidas pelos dramaturgos, em aula pode-se discutir as técnicas, as contextualizações políticas, econômicas, de grupo, étnicas e culturais.





## Considerações Finais

Este *e-book* teve como finalidade trazer alguns apontamentos sobre os usos tradicionais da educação vinculados diretamente à temática do ensino da Arte Africana e Afro-Brasileira. Por se tratar de uma temática ainda com resquícios estereotipados e enrijecidos diante de uma sociedade ainda racista, o *e-book* viabiliza um diálogo não mais pautado nessa visão de sociedade, mas inclusiva, respeitosa, equânime e democrática.

Nos capítulos desenvolvidos ofereceu-se, ao licenciando, uma perspectiva diferenciada de educação e que, por esse viés, há possibilidades diferentes encontradas nos ambientes educacionais atuais. Com o acesso às mais variadas tecnologias, espera-se que o leitor desenvolva metodologias unitárias e mistas, ricas e complexas, para aplicar de acordo com a análise realizada pelo professor, desenvolvendo assim uma perspectiva mais empática, social, democrática e que leve em consideração a construção plural de cada grupo.

Conforme dito ao fim da apresentação, e reforço como finalizador desse *e-book* a atuação profissional de um docente necessita ampara-se em renovações, leituras e releituras, construções e reformulações, processos de empatia e uma visão planetária de sociedade. Perceber este fator inicia, na carreira acadêmica, uma nova era na educação.

# Referências

AFROFLIX, 2019. Disponível em: <http://www.afroflix.com.br/>

ALAVA, S. **Ciberespaço e formações abertas**: rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre: Artmed, 2002.

ALMA PRETA, 2019. Disponível em: <https://www.almapreta.com/>

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática emergente**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BEHRENS, M. A.; OLIVARI, A. L. T. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional à complexidade. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 53-66, set./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4156>. Acesso em: 24 mai. 2019.

BELCHIOR, D. Plataforma digital reúne produção de dramaturgos negros brasileiros. **Educação, Diversidade e Direitos Humanos**: Negro Belchior. set. 2018.

BENTO, M. F. **Tecidos africanos**: histórias estampadas. Cadernos PDE. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Governo do Estado do Paraná, 2010.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)

BRISTOT, P. C.; POZZEBON, E.; FRIGO, L. B. A Representatividade das Mulheres nos Games. **Anais [...] XVI SBGames**. Curitiba – PR – Brazil, novembro, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Eliane\\_Pozzebon/publication/331357221\\_A\\_Representatividade\\_das\\_Mulheres\\_nos\\_Games/links/5c758d3ba6fdcc47159e61f7/A-Representatividade-das-Mulheres-nos-Games.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Eliane_Pozzebon/publication/331357221_A_Representatividade_das_Mulheres_nos_Games/links/5c758d3ba6fdcc47159e61f7/A-Representatividade-das-Mulheres-nos-Games.pdf)

BRUNDSCHWING, H. **A partilha da África Negra**. São Paulo: Perspectiva, 2004. Disponível em: <http://edufn.ufrn.br/bitstream/123456789/703/1/A%20PARTILHA%20DA%20AFRICA.%20BRUNDSCHWING%2C%20Henri.%202004.pdf>

CAMPOS, F. R. **Diálogo entre Paulo Freire e Seymour Papert**: a prática educativa e as tecnologias digitais de informação e comunicação. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2360>. Acesso em 06 jun 2019.

CANAL DO PIRULA. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/Pirulla25>



CASTRO, N. M. B. “**Pedagógico**” e “**Disciplinar**”: o militarismo como prática de governo na educação pública do estado de Goiás. Dissertação em Antropologia Social. Brasília, Universidade de Brasília. 2016. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22204/1/2016\\_NicholasMoreiraBorgesdeCastro.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22204/1/2016_NicholasMoreiraBorgesdeCastro.pdf)

CUNHA, M. I. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, Ahead of Print, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/2013nahead/aop1096.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

CUNHA, D. A.; FREITAS, C. L. Oficina: jogos infantis africanos e afro-Brasileiros. **Anais [...]** II Semana da Consciência Negra UFPA/ CUNTINS, p. 1-7, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Apostila-Jogos-infantis-africanos-e-afro-brasileiros.pdf>.

CURY, C. R. J. A formação docente e a educação nacional. In: OLIVEIRA, D. A. (org.). **Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DANDARA. Long Hat House. Raw Fury, 2018.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.

FREIRE, P. Educação bancária e educação libertadora. In: PATTO, M. H. S. (Org.) **Introdução à psicologia escolar**. 3ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

GILBERT, E. “**I need to try this**”? a statistical overview of pinterest. Conference on Human Factors in Computing Systems, Paris – France, 2013.

GUADAGNINI, G. M. A formação inicial docente: os usos e as apropriações da fotografia como recurso educacional. **Dissertação** (mestrado). Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Diversidade. Guarapuava, 2019.

JING, Y. *et al.* **Visual search at pinterest**. Conference on knowledge discover and data mining. Hilton, Sidney – Australia, 2015.

KHAN, S. **Um mundo uma escola**: a educação reinventada. Tradução George Schlesinger. Editora Intrínseca: Rio de Janeiro, 2013

KLEINA, N. A história do YouTube, a maior plataforma de vídeos do mundo [vídeo]. **Tecmundo**. jul. 2017. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm>

MEDEIROS, M. S. *Podcasting*: um antípoda radiofônico. **Anais [...]** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.







MELANINA DIGITAL, 2019. Disponível em: <https://melaninadigital.com/>

MIRANDA, L.; DIAS, P. **Ambientes de comunicação síncrona na web como recurso de apoio à aprendizagem de alunos do ensino superior**. Instituto Politécnico de Bragança, ESTIG, 2003. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/1119>

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 8ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

MORIN, E. **Complexidade e liberdade**. Ensaios THOT. Associação Palas Athena, São Paulo, n. 67, p. 12-19, 1998.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000a.

MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. *In*: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (org.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina, 2000b.

MORIN, E. **Por uma globalização plural**. Folha de São Paulo. São Paulo, domingo, 31 de março de 2002a.

MORIN, E. **Educação e cultura**. Abertura do Seminário Internacional de Educação e Cultura. SESC. Vila Mariana, agosto/2002. São Paulo, 2002b

MORIN. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN. **Educação na era planetária**. Conferência na Universidade São Marcos, São Paulo, Brasil, texto na íntegra, 2005.

MUHOLI, Z. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/muholizanele/?hl=pt-br>

MULUNEH, A. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/aidamuluneh/?hl=pt-br>

MUNDO NEGRO, 2019. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/>

MUSEU AFROBRASIL. Governo do Estado de São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/>. Acesso em: 25 mai. 2019.

NERDOLOGIA. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/nerdologia>

NGONYAMA, S. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/somnyamangonyama/>

OLIVEIRA, E. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. 3. ed. Curitiba, Gráfica Popular, 2006.





PACCE, L. **Conheça a artista sul-africana que faz arte com a própria pele.** Portal Lilian Pacce. Foto & Arte, 2019. Disponível em: <https://www.lilianpacce.com.br/e-mais/conheca-a-artista-sul-africana-que-faz-arte-com-a-propria-pele/>

PINTO, A. V. **O conceito de tecnologia.** 2. ed. vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. **Alfabetização tecnológica do professor.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SILVA, W. K. **O uso pedagógico do podcast e formação inicial do professor:** mudanças de paradigma educacional. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Centro-Oeste. Programa de Pós-Graduação em Educação. Guarapuava, 2017. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=6221766](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6221766). Acesso em: 25 mai. 2019.

SILVA, W. K.; SANTINELLO, J. Formação de professores universitários: indicativos da utilização de TIC em cursos de licenciatura. **Anais [...]** XIII EDUCERE – Congresso Nacional de Educação. p. 6899-6911. 2017. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24817\\_12262.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24817_12262.pdf). Acesso em: 17 abr. 2018.

SOARES, S. R.; CUNHA, M. I. **Formação do professor:** a docência universitária em busca de legitimidade. Salvador: EDUFBA, 2010.

SOMMERMAN, A. Pedagogia da alternância e transdisciplinaridade. I Seminário Internacional Pedagogia da Alternância - CETRANS, Salvador, Bahia. **Anais [...]** 1999. Disponível em: <http://cetrans.com.br/assets/textos/Pedagogia-da-alternanciat-e-transd.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2019.

UNIVESP. **A história, o africano e o afro-brasileiro.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qCMdw0xA7u0>. Acesso em 23 mai. 2019.

UNIVESP. **História da África/ cultura afro-brasileira.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=q\\_Y\\_mCFvA-4](https://www.youtube.com/watch?v=q_Y_mCFvA-4). Acesso em 23 mai 2019.

VIVIEUVI. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCxIruXzvzmLkaH-a-QGnnKQ/featured>

WERTHEIN, J. Novas tecnologias e a comunicação democratizando a informação. III Congresso Brasileiro de Comunicação no Serviço Público Novas Tecnologias e a Comunicação no Serviço Público: democratizando a informação. **Anais [...]** São Paulo, 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/imagens/0015/001540/154071por.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2019.





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ  
UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof. Ms<sup>a</sup>. Eglecy Lippman  
**Coordenador Geral Curso**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Crissi Knuppel  
**Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso**

Prof. Ms. Felipe Rodrigo Caldas  
**Coordenador de Tutoria**

Prof.<sup>a</sup> Ms<sup>a</sup>. Marta Clediane Rodrigues Anciutti  
**Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica**

Murilo Holubovski  
**Designer Gráfico**

Bestbe / Pexels  
Fancycrave.com / Pexels  
Nappy / Pexels  
**Elementos gráficos**

